

# Um Olhar sobre a Norma Culta: Uma Perspectiva a partir da Flexão no Sintagma Nominal

Andreia Araujo de Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo problematiza as influências que os níveis de escolarização provocam na variedade oral da língua, buscando visualizar apenas os sintagmas nominais por meio de entrevistas realizadas com indivíduos que possuem estes níveis de escolarização. Assim, procuramos considerar a estrutura do SN com base na fala dos entrevistados, que não estavam preocupados com “desvios” gramaticais, visto que a entrevista foi sobre um tema que não envolveu o termo “língua”. Para tanto, utilizamos, como base principal, os estudos de Castilho (2014). De acordo com o propósito de promover uma reflexão sobre a relevância da relação entre língua e ensino, analisamos a flexão no SN entre todos os entrevistados. Cabe ressaltar, que o contexto sócio-geográfico dos entrevistados, com poucas exceções, à época da pesquisa era a periferia de Nova Iguaçu. Nas considerações finais do estudo, esboçamos, ademais das influências históricas, o papel da escola na apropriação da norma culta.

**Palavras-chave:** Língua, sintagma nominal, ensino, norma culta.

**Resumen:** El presente artículo problematiza las influencias que los niveles de escolarización provocan en la variedad oral de la lengua, buscando visualizar a penas los sintagmas nominales por medio de entrevistas realizadas con individuos que poseen estos niveles de escolarización. Así, procuramos considerar la configuración del SN con base en el habla de los entrevistados, que no estaban preocupados con los “desvíos” gramaticales, puesto que la entrevista fue sobre un tema que no involucró el término “lengua”. Para tanto, utilizamos, como base principal, los estudios de Castilho (2014). De acuerdo con el propósito de promover una reflexión sobre la relevancia de la relación entre lengua y enseñanza, analizamos la flexión en el SN entre todos los entrevistados. Cabe resaltar, que el contexto socio geográfico de los entrevistados, con pocas excepciones, a la época de la pesquisa era la periferia de Nova Iguaçu. En las consideraciones finales del estudio, esbozamos, además de las influencias históricas, el papel de la escuela en la asunción de la norma culta.

**Palabras clave:** Lengua, sintagma nominal, enseñanza, norma culta.

## 1. Introdução

A história das línguas nos mostra que todas elas, ao longo do tempo, sofreram e sofrem influências que podem alterá-las. No português do Brasil, por exemplo, dificilmente encontraremos falantes que se expressem com a mesma prosódia, entonação e sintaxe de um falante do português europeu.

---

<sup>1</sup> Graduada em letras com habilitação em português, espanhol e literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no ano de 2015. Especialista em educação linguística e práticas docentes em espanhol pelo Colégio Pedro II, no ano de 2017. Mestranda em estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professora de Espanhol pela SEEDUC/RJ. Endereço eletrônico: [andreia.aac.82@gmail.com](mailto:andreia.aac.82@gmail.com)

De acordo com Nascentes: “a língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional.” (Nascentes, 1953, p. 09).

Nossa língua portuguesa nasce distante da metrópole, em condições climáticas diferentes, com pessoas que falavam diferente, em uma sociedade diferente e, com tanta diversidade, não havia condições para termos uma língua à imagem e semelhança de Portugal. Índio e negro não eram e não são folhas em branco e já se comunicavam antes da língua do colonizador. A língua e todas as suas variedades são subjetividade de um povo, portanto não falamos pior ou errado por falarmos de maneira distinta.

Quando tratamos das diferenças linguísticas ocorridas no português brasileiro, percebemos também na fala dos nativos que não há homogeneidade, visto a extensão e pluralidade do território, ademais, quando falamos em níveis de escolaridade percebemos também as diferenças, pois a escola pensada como cuidadora do intelecto ainda busca inibir de alguma forma os chamados “erros gramaticais”.

Parafraseando Possenti (1996), que diz “ser papel da escola ensinar e criar condições para que seja aprendido o português padrão”, então, nessa perspectiva, podemos atribuir à escola o lugar de guia que conduz determinado tipo de saber dentro de uma sociedade. Quando há, entretanto, o afastamento desta, o falante tem algumas dificuldades no que se refere ao uso da língua em sua variedade culta. Os fenômenos são vastos porque a língua nos oferece possibilidades diversas. Todavia, vamos nos ater à questão da flexão de número nos sintagmas nominais do português popular do Brasil, entendendo “popular” aqui como a modalidade oral da língua sem prestígio, que pode inclusive ser atravessada pela norma culta.

O trabalho foi realizado com base em entrevistas conseguidas com 20 pessoas, moradores, estudantes e trabalhadores, na periferia de Nova Iguaçu, no ano de 2015 e estas foram realizadas a partir do tema: “músicas e filmes que marcaram minha história”.

Além de o local em que se vive promover forte influência sobre a fala, entendemos que quando a escola está comprometida com o ensino de qualidade, algumas variações estigmatizadas do idioma podem ser inibidas. Entretanto, o estudante precisa se comprometer com o aprendizado para, a partir daí, alcançar algum domínio da variedade culta da língua. Nosso intuito aqui também é fomentar reflexão sobre o lugar da escola na vida dos estudantes.

A metodologia abordada foi a análise qualitativa e quantitativa do *corpus* coletado, separando os falantes de nível superior (mesmo incompleto), nível médio completo e nível fundamental completo e incompleto.

Uma pesquisa assim se justifica porque vivemos hoje em uma sociedade que silencia os detentores da norma popular, que os torna tutelados por acreditar que não têm condições de fazerem suas vozes serem ouvidas e, quando tratamos de questões linguísticas, o abismo entre o ser que domina a norma culta e o que não domina também é grande. O falante não culto é marginalizado e quase apagado do meio social, pois pertence à classe desfavorecida. A marcação de plural somente no determinante indica a forma de falar do povo e não promove prestígio. Então, procurando entender um pouco melhor o fenômeno da não pluralização no SN, buscamos algumas teorias que nos ajudaram a direcionar o tema, observando o lugar da escola no cenário e se na estrutura da língua o fenômeno poderá ser aceito em algum momento como sendo parte do processo de modificação do idioma.

No que concerne a linha teórica, a pesquisa foi desenvolvida na área de língua portuguesa no campo da sintaxe do português, verificando as formas como o SN é pronunciado por falantes com escolaridade fundamental, média e superior, este último ainda que incompleto, no PB. Fizemos os estudos com base, principalmente em Castilho (2014), Nascentes (1953), Amaral (1920) e Peixoto Filho (2001).

Na próxima seção destacaremos alguns posicionamentos teóricos, bem como discutir o papel do professor frente ao ensino de língua, logo após iremos tratar do lugar de outros sujeitos no âmbito ensino/aprendizagem e da análise do *corpus*, em seguida faremos um comparativo entre os dois grupos e, seguiremos ainda com uma seção sobre as diferenças entre normas culta e padrão e, por fim traremos nossas considerações finais.

## **2. Abordagens Teóricas**

### **2.1. Papel da escola e aspectos sociais**

De acordo com a pesquisa realizada parece que quanto menos exposição ao ambiente escolar maior a probabilidade do fenômeno da não pluralização no SN ocorrer. Em nossa pesquisa o fenômeno se reproduz com os menos escolarizados, reforçando assim, que o papel da escola, nessa perspectiva, necessita privilegiar o ensino da norma culta. Algumas sequências se repetem, por exemplo, “as música, os filme, as coisa, algumas besteira...” sempre que o entrevistado não conseguiu concluir seus estudos de base.

Sobre esta constatação Castilho (2014, p. 204) disserta: “Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o português popular, ou variedade não culta. Pessoas escolarizadas usam o português culto, ou variedade padrão, aprendida na escola ou no ambiente familiar”.

Ainda que não tenhamos realizado entrevistas com analfabetos, pessoas com pouca escolarização possuem, possivelmente, as mesmas dificuldades com a variedade culta da língua. O ambiente familiar influencia a fala de cada indivíduo, todavia pensamos que ainda é a escola, através de um trabalho eficiente, que organiza todo esse conhecimento adquirido fora dela.

Mais uma vez atentaremos para o que Castilho (2014, p. 209) diz:

Tendo a escola a obrigação de ensinar o português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular, é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta. Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com adequação aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que seja ela; falando com estranhos, adota-se o português padrão. É nessa espécie de “bilinguismo interno”, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna.

Espera-se que os professores sejam fluentes neste “bilinguismo interno” para que, assim, os alunos também sejam, pois cabe ao professor desenvolver estratégias de ensino e conduzi-las da maneira mais coerente possível. Há que atentar aqui para a distância entre língua falada e língua escrita, pois são faces diferentes do mesmo idioma, entendendo aqui que a prioridade da escola não é com a oralidade e sim com a escrita, esta língua alternativa e artificial.

Segundo Castilho (2014, p. 99): “É variada a situação social em que a língua é falada e escrita no país. Os usos aí testados são por certo distintos uns dos outros”. A partir das ideias de Castilho (2014), percebemos que os usos são distintos e que a fala é mais dinâmica que a escrita, podendo, assim, ser alvo das mais diversas formas de uso dentro de um mesmo sistema.

Quando tratamos da fala, dependendo do ambiente, não existe tensão. Sendo assim, a fala refletirá o que temos à disposição em nossa mente. Caso não tenhamos construído diferentes formas de utilizar a língua, tornar-nos-emos reféns da única forma que temos de nos comunicar. Fica claro aqui que dominar apenas a modalidade oral popular não impede ninguém de se comunicar. Nas palavras de Castilho (2014, p. 205): “Mas voltando à sincronia, são muito diferentes entre si as variedades popular e culta? Não a ponto de dificultar a intercomunicação.” Então, notamos que dentro do mesmo idioma e com suas muitas variedades, de uma forma ou outra, todos conseguem se comunicar. Tratamos aqui da comunicação verbal, porque entendemos que, a rigor, podemos nos comunicar sem língua.

A nossa maneira de falar é construída a partir do meio social em que estamos inseridos, e este também é ferramenta que modula o idioma. Nesse ponto, a escola entra na vida do indivíduo, tentando apresentar-lhe novas possibilidades.

Sobre a influência do meio no falar “caipira”, Amaral (1920, p. 12) trata assim:

A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda espécie, e a província entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialecto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações.

Toda língua é parte da cultura de seu povo e estará sempre ligada com os assuntos desta comunidade. De acordo com as mudanças no social, a língua também sofrerá alterações. Não foi somente o dialeto caipira que sofreu alterações, assim decorreu com todas as variedades do idioma.

## 2.2. Aspectos históricos

Além das questões sociais, o fator histórico também é bastante marcante no tema do português popular do Brasil (doravante PPB). Os adeptos da hipótese da criouliização acreditam que o PPB nasce do intercâmbio de povos que aqui se instalaram.

Peixoto Filho (2003, p. 1) disserta sobre o assunto:

O linguista norte-americano Gregory Guy é talvez o mais empenhado em provar a suposta origem crioula do PPB. Nos principais textos em que abordou o tema (1981, 1989), o autor tem mantido de modo geral a tese de que as condições socioeconômicas do Brasil dos séculos 17, 18 e 19 representaram contexto bastante favorável ao surgimento de pídgins e crioulos no intercâmbio entre colonos e escravos.

Entre os linguistas brasileiros, Raimundo e Mendonça, nos trabalhos que publicaram em 1933, são os primeiros estudiosos a defender um papel mais decisivo do componente africano na formação do PPB. Essa ideia ganhou corpo recentemente com a adesão de estudiosos de peso na linguística brasileira, como Rosa Mattos e Silva e Dante Lucchesi. Aliás, esses dois autores, nos textos que focalizam o assunto, fazem alusão recorrente à dissertação de Alberto Mussa (1991), um trabalho onde se procura dar tratamento científico ao tema mas que, a bem da verdade, não defende abertamente a hipótese de criouliização.

De acordo com essa hipótese, colonos e escravos deram importante contribuição para o surgimento da nossa variedade oral popular; entretanto, independentemente do negro africano, muitos outros componentes foram referência para o aparecimento da variedade aqui focalizada.

A outra hipótese, chamada *deriva natural*, está relacionada ao fato de que as mudanças ocorridas em determinada língua já estavam previstas na evolução de seu sistema. Ainda usando as palavras de Peixoto Filho (2003, p. 1):

Os autores que mais abertamente defendem a hipótese de deriva natural são Anthony Naro e Marta Scherre. Em vários trabalhos (1993, 2000, 2001), que abordam sobretudo a

concordância verbal, esses pesquisadores têm sustentado que as características atuais do PPB já estavam previstas na índole natural da língua trazida pelos portugueses. Uma justificativa para esse pensamento reside no fato de que Brasil e Portugal compartilham uma parte significativa das variações morfossintáticas.

Não cabe negar aqui as influências trazidas pelo africano e também as que estavam presentes na figura do indígena, mas, acreditamos que na estrutura do sistema não foram determinantes.

### **3. Papel do professor**

Tratando novamente do âmbito de ensino, acredita-se que o distanciamento da escola, possivelmente seja o fator que provoca a não flexão do sintagma, o que está fortemente relacionado ao fator social, pois acredita-se que grande parte dos alunos que deixam a escola não dispõe de tempo para estudar e trabalhar, optando, assim, pela necessidade mais urgente, que no caso de alunos de baixa renda, pode ser a necessidade financeira para tentar aumentar a renda familiar.

O autor Ataliba de Castilho (2014, p. 41) faz referência aos papéis de linguista e gramático: “O linguista e o gramático operam com um objeto guardado em sua mente e na mente dos indivíduos de sua comunidade, lidando com uma propriedade interna a ele, não evidente no mundo real”.

Evidenciamos, a partir do exposto até aqui, que o estudo de língua precisa superar o caminho puramente normativo. Uma investigação comprometida com o ensino que irá fazer sentido para o discente vai tentar explicar ao aluno toda a complexidade da língua, e não apenas ditar regras.

Desse modo, pensamos que o professor precisa falar a variedade culta para oferecer aos alunos a possibilidade de dominar outra variedade. Não tratamos aqui apenas do ensino/aprendizagem de regras gramaticais rígidas separadas da realidade do aluno, o que defendemos aqui é o ensino da norma culta para a vida, conscientizando o aluno dos motivos pelos quais seria importante dominar essa variedade, que a escola denomina como padrão, mas que preferimos chamar aqui de variedade culta. Ademais do uso da norma culta por parte dos professores, acreditamos que o trabalho a partir de gêneros, com vistas a maior significação para o aluno, possivelmente seja um meio eficaz.

O intuito nesta pesquisa não é delegar à escola toda responsabilidade pelo uso do idioma, mesmo porque ninguém vai à escola aprender a falar. Queremos, porém, demonstrar que ela é bastante responsável pelo domínio da norma culta e para além dos muros da escola

existem boas leituras que podem nos auxiliar quando a intenção for se comunicar de outra forma.

#### **4. Os papéis no âmbito ensino-aprendizagem**

Os indivíduos inseridos na prática do ensino precisam estar em unidade para que todos sejam beneficiados ao final do processo. Não existe apenas um responsável, mas escola, direção, professores, alunos todos de alguma forma participam do processo, já que todo conhecimento é importante para o desenvolvimento do sujeito. Nessa perspectiva, cremos que cabe ao discente se comprometer com a educação escolar e, quanto à direção acreditamos na promoção de eventos que sinalizem para a importância da apropriação da norma culta, com participação de palestrantes, grupos de debate, buscando assim uma conexão entre todos que compõem o cenário escolar.

O que fazer com os vários conhecimentos que os alunos trazem quando chegam à escola? Como lidar com a diversidade de forma coerente? Que relevância tem para os estudantes o ensino de língua? Estudar língua é diferente de estudar gramática? As perguntas estão sempre em maior número que as respostas que podemos oferecer, entretanto um trabalho que tente nortear o processo merece atenção.

Não acreditamos aqui em soluções a curto prazo, mas pensamos que todo aluno é capaz, através do ensino com responsabilidade, de adquirir outras formas de se comunicar e enxergar seu próprio futuro. Quando tratamos do ensino de gramática, parece haver certo desconforto por parte dos discentes, possivelmente porque não conseguem a abstração necessária para compreender o conteúdo ministrado, pois entendemos que estudar língua requer pensar também toda diversidade que ela abarca.

Sobre toda diversidade que uma língua traz, Cunha & Cintra (2008, p. 3) dissertam,

É, pois, recente a concepção de língua como instrumento de comunicação social, maleável e diversificado em todos os seus aspectos, meio de expressão de indivíduos que vivem em sociedades também diversificadas social, cultural e geograficamente. Nesse sentido, uma língua histórica não é um sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos... Daí o estudo de uma língua revestir-se de extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos fatos analisados para controle das variáveis que atuam, em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação.

Sendo assim, para estudar uma língua não basta apenas entender regras para a escrita e não entender como funcionam na prática, já que oralidade e escrita são faces diferentes de uma língua. A seguir, procederemos à análise do *corpus*.

## 5. Análise do *Corpus*

Separaremos o *corpus* em dois grupos de 10 pessoas e, a partir daí, destacaremos algumas orações em que haja o material desejado e, em seguida os sintagmas nominais em evidência.

Passemos agora à análise. *Corpus* de informantes com escolaridade média e superior (este último mesmo que incompleta)

### GRUPO 1

#### Informante 1

- Os cantores do samba tipo Alcione...  
os cantores

#### Informante 2

- São tantas, cantor favorito Fernandinho e Marcelo Ataíde e as músicas são as deles.  
as músicas

#### Informante 3

- Os filmes baseados em fatos reais também...  
os filmes

#### Informante 4

- MPB porque eu gosto do conteúdo das letras das músicas... (Aqui desfazendo a contração)  
as letras; as músicas

#### Informante 5

- Eu gosto de comédia tipo American Pie, que eu vi com meu pai, os filmes de comédia são ótimos.  
os filmes

#### Informante 6

- Acho que essas são as melhores...
- Levaria os corais gospel...  
as melhores; os corais

#### Informante 7

- Das músicas românticas... (Novamente desfazendo a contração)  
as músicas

#### Informante 8

- Ah porque tem umas letras bem mais bonitas para os nossos ouvidos.

umas letras

### **Informante 9**

- Porque são os cantores que eu gosto...  
os cantores

### **Informante 10**

- Era de um jovem que perdeu a memória e ele só lembrava das coisas... (desfazendo a contração)  
as coisas

*Corpus* de informantes com escolaridade fundamental (completa ou incompleta)

## **GRUPO 2**

### **Informante 1**

- Eu acho que eu tinha essa coisa de ver as coisa de príncipe encantado...  
as coisa

### **Informante 2**

- Devido a ter ficado um tempo afastado...várias música...  
várias música

### **Informante 3**

- Anderson Freire porque ele tem umas música bonita e eu gosto.  
umas música bonita

### **Informante 4**

- E as canção deles toca o nosso coração...  
as canção deles

### **Informante 5**

- Pô eu gosto muito do Elton John, as música dele são maneira não tenho nada a dizer contra ele não.  
as música dele

### **Informante 6**

- Gosto mais dos romântico porque sou romântica. (desfazendo a contração)  
os romântico

### **Informante 7**

- Eu gosto de tudo misturado, gosto das música que me divertem. (desfazendo a contração)  
as música

### **Informante 8**

- Não tenho cantor favorito, mas as música de pagode, gosto de pagode.  
as música

### **Informante 9**

- Eu gosto de comédia e infantil, a gente fica alegre, contente não gosto dos filme de terror não. (desfazendo a contração)  
os filme

### **Informante 10**

- A gente fica esperando os filme lançar que a gente vai...  
os filme

## **6. Comparativo entre os dois grupos**

Como já dissemos anteriormente, não cabe à pesquisa dizer o que é incoerente ou não, tampouco julgar pela forma de falar. Então, após a análise do *corpus*, percebemos que no grupo 1 (grupo de falantes escolarizados) o sintagma nominal é construído de forma que determinantes e substantivos vão ao plural, entretanto no grupo 2 (grupo de falantes pouco escolarizados) a pluralização no substantivo não ocorre.

Sendo assim, possivelmente o fato descrito acima seja uma tendência natural da língua, pois a nossa forma de pronunciar as palavras é diferente da maneira do europeu, desse modo, a hipótese da deriva natural pode ocorrer. Todavia, o que percebemos aqui é que indivíduos escolarizados ainda levam todo o sintagma nominal ao plural diferente dos indivíduos com pouca escolarização. Não sabemos se a mudança no interior da língua vai se cristalizar, pois são vários os fatores externos que também influenciam nas mudanças.

Sobre as alterações que uma língua pode sofrer Castilho (2014, p. 169) trata assim:

História social de um língua é o estudo das condições que levaram determinada comunidade a desenvolver uma língua própria, a receber uma língua transplantada, ou mesmo a desaparecer, levando consigo sua língua. Mudança gramatical é o estudo das alterações sofridas na gramática de uma língua-mãe, de que pode surgir uma língua-filha.

As línguas mudam por motivos externos a ela, porém o que percebemos nesta pesquisa é que sujeitos que frequentaram pouco a escola marcam menos o plural no sintagma nominal. Nosso *corpus* mesmo sendo pouco abrangente traz as mesmas sequências estudadas pelos nossos teóricos como: *as menina, as música, os filme*. Então, mesmo que no futuro tudo seja natural, hoje sabemos que o pouco tempo de exposição ao ambiente escolar também provoca supressão do *s* marcador de plural no fim dos sintagmas nominais, mas, ainda assim

não tratamos a escola aqui como divisor entre os dois grupos, visto que fatores externos a ela também influenciam a modalidade oralidade.

## **7. Norma Culta vs Norma Padrão**

Acreditamos que em toda sociedade existe uma variedade linguística (e a palavra linguística entra aqui apenas com o sentido de língua) eleita como ideal ou de prestígio. E, a partir desta convenção as outras variedades são vistas apenas como parte da comunidade de fala que têm pouca relevância social.

O que é norma culta? O que é norma padrão? São duas nomenclaturas para a mesma realidade da língua? Existe alguma confusão quando precisamos separar os dois conceitos, pois na maioria das vezes as pessoas acreditam se tratar da mesma coisa.

Quando tratamos de norma culta estamos falando de um padrão real, pessoas escolarizadas, indivíduos que primam pelo uso da forma prestigiada socialmente. Entretanto, não queremos dizer que estes sujeitos também não sofram influência por conta das transformações da língua. Ataliba de Castilho (2014, p. 90-91) chama esta variedade de norma objetiva:

A norma objetiva é o uso linguístico concreto praticado pela classe socialmente prestigiada. Ela é, portanto, um dialeto social. Ao longo da história de um povo identificam-se classes que assumem ascendência sobre as outras, irradiando comportamentos sociais e comportamentos linguísticos.

As raízes dessa ascendência são em geral de natureza econômica. Como um dialeto social, a norma objetiva não está a salvo do fenômeno da variação linguística. Assim, temos uma norma objetiva para cada período histórico, uma norma geográfica (em países de maior estabilidade social, a norma coincide com o falar de uma região).

A norma padrão é o código a ser seguido, são nossas leis de trânsito que, geralmente, estão escritas, mas não são seguidas em sua totalidade. Trata-se do nosso modelo de comportamento, nosso ideal a ser alcançado, de uma abstração. É seguir com exatidão tudo que o nosso código de trânsito exige, porém sabemos que este ideal dificilmente será atingido em sua completude.

Portanto, toda língua possui um ideal a ser seguido e uma realidade de fala que a domina. O ideal, provavelmente, continuará inatingível e o nosso real culto estará sempre sujeito às variações que o tempo e as práticas sociais impõem ao idioma. Ainda assim, não sabemos o que o futuro de nossa língua nos reserva, o que estará reservado para cada comunidade de fala.

## 8. Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, vimos que as línguas passam por processo de transformações e, que estudos apontam para duas hipóteses principais: deriva natural e crioulização, que tentam explicar a origem do nosso português brasileiro.

O que nos parece efetivo até aqui é que por uma ou outra via nossa língua portuguesa existe e com diferenças do português europeu, pois tratamos de povos diferentes e com particularidades específicas de cada região. Cultura, clima, geografia, influência de outros povos, todos esses fatores também refletem o que será a língua de um povo e suas variedades. O fator social estará sempre presente, pois é dado que também determina as mudanças linguísticas.

Ademais das influências históricas que a língua sofre, tratamos também sobre a influência que a escola pode ou não provocar no sujeito, fazendo dele ou não um indivíduo com domínio da norma culta. E não falamos aqui do ensino da gramática estrita, mas também do ensino/aprendizagem que vai transformar o aluno em um ser que privilegia todo conhecimento. Conferimos, ainda, à escola importante lugar no que se refere ao estudo das variedades de uma língua, visto que, de acordo com o *corpus* analisado, os diferentes níveis de escolarização também irão determinar o uso de uma e outra variedade.

É necessário rever a postura da escola no que diz respeito ao sistema de correção, pois corrigir a língua escrita nos parece adequado como função da escola, porém corrigir a língua oral, possivelmente seja equívoco de percurso. O aluno precisa reconhecer na língua estudada seu próprio idioma, o ideal seria compreender que a sua forma de falar é apenas variedade da língua oficial do país.

Sentir-se estrangeiro estudando sua língua materna é, no mínimo, desconfortável, pois ter sua fala sempre corrigida pode dar a sensação de que não conseguimos nos comunicar em nosso idioma, o que nos parece frustrante. Todavia, sabemos que nos comunicamos até mesmo sem a língua verbal, e que o aluno e a variedade que ele domina também gera comunicação. O que precisa ficar claro para a escola é que a correção necessária será para a modalidade escrita.

Acrescentamos ainda que, o ambiente escolar é constituído por vários papéis desenvolvidos por professores, alunos, direção, pais e comunidade, direcionando a cada participante seu papel no processo de ensino/aprendizagem.

Entendemos que, quando todos os elementos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem trabalham juntos, a tendência será o avanço na formação discente,

portanto sabemos que a unidade dos papéis é um ideal, todavia precisamos trabalhar com o real, ainda que não seja apropriado.

A nossa língua portuguesa tão heterogênea necessita de espaços que acreditem em seu ensino. É preciso mostrar ao aluno que seu objeto de estudo é imenso e merecedor da nossa pesquisa.

Estudar a oralidade é um grande desafio, visto que as mudanças que ocorrem na língua falada são mais frequentes que na língua escrita. Lidar com tanta diversidade acontecendo atualmente é confuso, mas também nos mostra o quanto as línguas podem mudar e como pode ser enriquecedor fazer parte de estudos direcionados a ela.

O recorte feito aqui sobre as questões de pluralização nos sintagmas nominais é também uma tendência da língua, mas com base no *corpus* analisado acreditamos que o espaço escolar ainda tem participação na variedade falada selecionada pelo indivíduo.

Não sabemos em que lugar nossa língua portuguesa estará daqui a alguns anos, entretanto neste trabalho concluímos que fatores histórico, social e escolar ainda determinam que variedade cada grupo de falante irá eleger.

#### **Referências bibliográficas:**

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PEIXOTO FILHO, F.V. *Crioulização vs. deriva natural na gênese do português popular brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.